

FORMAÇÃO VERBAL DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Roberto Arruda de Oliveira (UFC)

rarrudaufc@gmail.com

RESUMO

Vários foram os fatores que influenciaram as transformações linguísticas ocorridas nos tempos verbais latinos. A mais produtiva de todas foi a primeira, pois recebia, de um modo geral, as formações derivadas de substantivos, de adjetivos, participios e de palavras provindas de outras línguas. Do mesmo modo, a 4ª conjugação enriqueceu-se, tornando-se a 3ª no latim vulgar, o que veio também a ser em português. A 2ª e a 3ª, devido às semelhanças, tiveram de se fundir. A conjugação de um verbo latino tinha por base a oposição de dois grupos de tempos: o do *infectum* e o do *perfectum*. Além desses tempos, havia ainda as formas nominais: o infinitivo (presente, perfeito e futuro), participio (presente, futuro e passado), o gerúndio e o supino.

Palavras-chave:

Língua latina. Línguas românicas. Tempos verbais latinos.

ABSTRACT

Several factors influenced the linguistic transformations that occurred in latin verbal tenses. The most productive of all was the first, because it received, in general, the formations derived from nouns, adjectives, participles and words from other languages. Similarly, the 4th conjugation was enriched, becoming the 3rd in vulgar latin, which also became portuguese. The 2nd and 3rd, due to the similarities, had to merge. The conjugation of a latin verb was based on the opposition of two groups of times: the *infectum* and the *perfectum*. In addition to these times, there were also the nominal forms: the infinitive (present, perfect and future), participle (present, future and past), the gerund and the supine.

Keywords:

Latin language. Romance languages. Latin verb tenses.

1. Considerações iniciais

Até o século V d.C., toda a România já estava integrada ao Império Romano. Pela força das armas é imposto como língua natural destas regiões o latim vulgar, o qual tinha aspectos bastante diversos do latim polido de Cícero e de Virgílio. À medida que vai se propagando, se modifica por toda Europa, originando assim as línguas românicas, que re-presentam sua continuidade linguística.

O *sermo vulgaris*, contudo, começou a ser falado por pessoas que tinham antes uma outra língua materna e que a abandonaram em prol da

língua dos vencidos, o que imprimiu neste novo falar tendências linguísticas peculiares à língua autóctone. A conquista, por se processar em épocas diferentes, levou a cada região um latim diferenciado. Com a quebra do domínio romano, perde-se por definitivo uma certa unidade que até então havia na România e as alterações se acentuam, sobretudo as verbais.

2. As quatro conjugações

Segundo a gramática latina, os verbos latinos dividem-se em quatro conjugações, caracterizadas pela terminação do infinitivo e pela vogal temática: *amāre* → 1ª conj.; *delēre* → 2ª conj.; *legēre* → 3ª conj.; *audīre* → 4ª conj.

A maior de todas as conjugações era, sem dúvida, a 1ª. Tal qual em português – língua em que os verbos de formação tardia e recente vão para a 1ª conjugação (*enlaçar*, de *laço*; *apartear*, de *aparte*; *embelezar*; *chatear*) –, a 1ª conjugação em latim era tida como a mais produtiva, pois recebia as formações derivadas de substantivos (*oculare*, de *oculus*), de adjetivos e participios (*altiare*, de *altus*; *adiutare*, de *adiutum*) e de palavras provindas de outras línguas (*gubernare*, do grego *κυβερνάω*). Outros foram os processos de enriquecimento desta conjugação.

Podemos nos referir inicialmente ao acolhimento de verbos que antes pertenciam às demais conjugações: *torrere* passou a **torrare* (port. *torrar*, esp. *turrar*, cat. *torrar*); *minuere* a **minuare* (port. *minguar*, esp. *menguar*, cat. *minuar*); *meiēre* a *meiare* – registrado em *Mulomedicina Chironis* (port. *mijar*, esp. *mear*, log. *meare*); *mollire* a **molliare* (port. *molhar*, esp. *mojar*, fr. *mouiller*, rom. *a muia*); *fidēre* a *fidare* (port. *fiar*, esp. *fiar*, fr. [*confier*, it. *fidare*]).

Percebemos, depois, que se enriqueceu com novas formações a partir do tema do participio passado: em vez de *canere* dizia-se *cantare* (já existente no latim clássico), e daí o port. e esp. *cantar*, fr. *chanter*, it. *cantare*, rom. *a cînta*. Do mesmo modo, de *audere*, através do participio *ausus*, surgiu a forma *ausare* (port. *ousar*, esp. *osar*, fr. *oser*, it. *osare*).

Incorporaram-se ainda os verbos oriundos do germânico com terminações *-ane*, *-on*: *witan* transforma-se em *guidare* (port. *guiar*); *raubon* passa a **raubare* (port. *roubar*, esp. *robar*, cat. *robar*, prov. *raubar*, it. *rubare*). Essa mesma terminação dos verbos formados modernamente recebem em português: *telefonar*, *chutar*, *esquiar*, etc.

Do mesmo modo, a 4ª conjugação enriqueceu-se, tornando-se a 3ª no latim vulgar, o que veio também a ser em português. Devido às semelhanças¹³, muitos verbos com desinências “-io, -ēre” incorporam-se àquela conjugação: *fugēre>fugire* (port. *fugir*, esp. *huir*, fr. *fuir*, it. *fuggire*, cat. *fugir*, sd. *fuire*, rom. *a fugi*); *florēre>florir* (port. *florir*, it. *fiorire*, fr. *fleurir*, rom. *a înflori*); *lucēre>lucire* (port. *luzir*, esp. *lucir*); **morīre>mori* (esp. *morir*, fr. *mourir*, it. *morire*, rom. *a muri*); *capēre>capire* (it. *capire*).

No decorrer da evolução do vernáculo, até mesmo os verbos terminados em -er no português antigo adquiriram a terminação -ir no moderno: *aduzer>aduzir*; *caer>cair*; *traer>trair*; *correger>corrigir*. Outros, introduzidos recentemente na língua, trocaram a terminação -ēre do latim pela terminação -ir do português: *affluēre>afluir*; *imbuēre>imbuir*; *iludēre>iludir*; *obstruēre>obstruir*; *retribuēre>retribuir*.

Outros verbos não tiveram o mesmo destino que estes: *faciō, -ēre* (lat. vlg. **facēre*), v.g., manteve-se como uma exceção: port. *fazer*, esp. *hacer*, it. *fare*, fr. *faire*, cat. *fer*, prov. *faire*, sd. *fágere*, rom. *a face*. As mudanças ocorridas em outros não chegaram a todas as línguas românicas: *ridēre*, através de *ridire*, deu o port. *rir* e o esp. *reir*: sucederam a *ridēre* o fr. *rire* e o it. *ridere*. *Tenēre* tornou-se no port. *ter*, no esp. *tener* e no it. *tenere*, mas, por meio de *tenire*, passou sob a forma *tenir* ao francês, provençal e catalão.

A 2ª e a 3ª conjugações, devido às semelhanças, tiveram de se fundir. Já no latim vulgar, como observa Grandgent (1952, §399), muitos verbos eram tidos como de uma e de outra:

Ya en latín clásico había cierta confusión entre la segunda conjugación y la tercera: así, hallamos *fervēre* y *servēre*, *tergēre* y *tergēre*. En latín vulgar la segunda perdió algunos verbos, que pasaron a pertenecer a la tercera, en la mayor parte del territorio: **ardēre*, **lucēre*, *lugēre*, *miscēre*, **mordēre*, **nocēre*, **ridēre*, *respondēre*, **tondēre*, *torcēre* (por *torquēre*).

Deixando de lado alguns por menores, podemos estabelecer o seguinte quadro diacrônico para as conjugações verbais do português:

¹³ As primeiras pessoas do singular do presente do indicativo eram pronunciadas de forma idêntica: *debeo* da 2ª, pronunciado vulgarmente *debio*, estabelecia uma confusão com *fugio* da 3ª e com *punio* da 4ª.

conjugações	l. clássico	l. vulgar	Português
1ª	-āre	-are	-ar
2ª	-ēre	-ēre -ēre -ēre	} -er
3ª	-ēre	-īre -ire -ēre -ēre	
4ª	-īre	-	-

No que diz respeito as três conjugações, devemos ainda chamar atenção ao que se processou no verbo *pōr*. Sua forma no latim clássico era *ponēre*, 3ª conjugação, passando para o vulgar a *ponēre*, contimbre fechado, da 2ª. Destarte, tivemos o português antigo *poer*, como se lêem D. Duarte:

...conhecer bem a sentença do que ha de tomar, e *po êlla* inteiramente-nom mudando, acrescentado, nem mynguando. (*Leal Conselheiro*).¹⁴

...nom *poendo* maior femença em o firmar dos pees que em no apertar das pernas ouseer da sella. (*Livro da ensinaça de Bem Cavalgar toda sela*)¹⁵

Pertencia assim este verbo anômalo à 2ª conjugação latina. Ainda que no vernáculo seja atemático no infinitivo, sua vogal característica aparece em outras formas: *põe*, *pões*, *põem*, *puser*, *pusesse*, etc.

Para nos tornarmos cientes das perdas e inovações que se processaram do latim para o português precisamos, de início, ter em mente que a conjugação de um verbo latinotinha por base a oposição de dois grupos de tempos: o do *infectum* e o do *perfectum*. Enquanto o primeiro expressava a ação em seu curso de duração, o segundo indicava uma ação concluída.

Ao *infectum* pertenciam o **presente**, o **imperfeito**, o **futuro imperfeito** e o **imperativo**; ao *perfectum* pertenciam o **perfeito**, o **mais-que-perfeito** e o **futuro perfeito**. Além desses tempos, havia ainda as formas nominais: o **infinitivo** (presente, perfeito e futuro), **particípio** (presente, futuro e passado) o **gerúndio** e o **supino**. Tendo como exemplo a primeira pessoa de cada tempo e as formas nominais de um verbo

¹⁴ Ed. crit. por J. M. Piel, Lisboa, 1942, p. 372, in: CARDOSO; CUNHA, 1978, p. 118.

¹⁵ *Ibid.*, 1944, p.15, in: CARDOSO; CUNHA, 1978, p. 118.

da 1ª conjugação, podemos estabelecer os seguintes quadros:

		indicativo	subjuntivo	imperativo
infectum	presente	Amo	amem	ama
	imperfecto	amabam	amarem	
	futuro imperfecto	amabo		amato
perfectum	perfeito	amavi	amaverim	
	mais-que-perfeito	amaveram	amavissem	
	futuro perfeito	amavero		

Formas nominais					
		infinitivo	particípio	gerúndio	gerundivo
infectum	presente				
		amare	amans, -ntis	amandi amando amandum	amandus, -a, -um
perfectum	perfeito	amavisse			

As outras formas nominais provinham do radical do **supino** (*amatum*): **particípio passado** (*amatus, -a, -um*), **particípio futuro** (*amaturus, -a, -um*) e o **infinitivo futuro** (*amaturus, -a, -um esse*).

Além das formas da vozativa, havia também as da **voz passiva**, que podiam ter formas sintéticas (*amor* ➔ *sou amado*) ou analíticas (*amatus sum* ➔ *fui amado*).

3. *Tempos do infectum*

No que diz respeito à evolução dos tempos verbais, podemos afirmar que alguns tempos verbais se mantiveram outros se alteraram. Exemplo disso é o **presente do indicativo**, como constatamos abaixo:

1ª conjugação					
latim clássico	l. vulgar	português	espanhol	italiano	francês
canto	canto	canto	canto	canto	chante
cantas	cantas	cantas	cantas	canti	chantes
cantat	canta(t)	canta	canta	canta	chante
cantamus	*cantamos	cantamos	cantamos	cantiamo	chantons
cantatis	*cantates	cantais	cantáis	cantate	chantez
cantant	cantan(t)	cantam	cantan	cantano	chantent

Observe que o **-t-** intervocálico na desinência número-pessoal da 2ª pessoa do plural, sonorizou-se e permaneceu **-d-** até o século XV (v.g., *cantades* > *cantais*). Sobrevive, contudo, no futuro do subjuntivo e no infinitivo pessoal: *fecerĩtis* > *fizerdes*; *facereĩtis* > *facéretis* > *fazeredes* > *fazerdes*. Que o **-e** final dos verbos da 1ª pessoa do singular do francês passou para as demais pessoas. Que a desinência **-i** da 2ª pessoa do singular do italiano foi criada por analogia com as formas da 2ª e da 3ª conjugações (*vendi*, *dormi*¹⁶), uma vez que a identidade entre as primeiras pessoas já havia se estabelecido (*canto*, *vendo*, *durmo*). Que a desinência **-iamo** da 1ª pessoa do plural do italiano veio de *siamo*, adaptado primeiro ao auxiliar *avere*. Que a desinência **-ons** da 1ª de plural do francês veio do arcaico *sons* (mod. *sommes*), adaptada inicialmente ao auxiliar *avoir*. Que a desinência **-o** da 3ª pessoa do plural do italiano é fruto provavelmente da analogia com os verbos da 2ª e da 3ª conjugações, onde ele tem razão de ser (*vendono*, *dormono*, *cantano*).

Outro ainda é o **presente do subjuntivo**, como verificamos no quadro abaixo:

1ª conjugação					
Latim clássico	I. vulgar	português	espanhol	italiano	francês
canto	*cante	cante	cante	canti	chante
cantes	cantes	cantes	cantes	canti	chantes
cantet	cante(t)	cante	cante	canti	chante
cantemus	*cantemos	cantemos	cantemos	cantiamo	chantions
cantetis	*cantetes	canteis ¹⁷	cantéis	cantiate	chantiez
cantent	canten(t)	cantem	canten	cantino	chantent

Percebemos que a desinência da 1ª pessoa do singular do francês tem origem no cruzamento da antigadesinência **-iens** com **-ons**, a qual, por sua vez, acarretou **-iez** na 2ª do plural. Que a 1ª e a 3ª pessoas do italiano se formaram por analogia com a 2ª pessoa. Que as desinências **-iamo/-iate** do italiano provêm de *habeamus/habeatis* (*abbiamo/abbiate*). Que as desinências **-ions/ -iez** do francês provêm de *soyons/soyez*.

Citamos ainda o **imperfecto do indicativo**, ao qual estabelecemos o seguinte quadro:

¹⁶ Terceira conjugação no latim vulgar.

¹⁷ Do arcaico *cantedes*.

1ª conjugação					
l. clássico	l. vulgar	português	espanhol	italiano	francês
cantabam	*cantava	cantava	cantaba	cantavo	chantais
cantabas	*cantavas	cantavas	cantabas	cantavi	chantais
cantabat	*cantava(t)	cantava	cantaba	cantava	chantait
cantabamus	*cantavamos	cantávamos	cantábamos	cantavamo	chantions
cantabatis	*cantavates	cantáveis	cantabais	cantavate	chantiez
cantabant	*cantavan(t)	cantavam	cantaban	cantavano	chantaient

Podemos daí inferir que o **-m** da 1ª pessoa do singular deixou de ser pronunciado no latim vulgar. Que a transformação da consoante intervocálica medial **-b-** para **-v-** é um fenômeno comum no português (*debet>deve*; *habere>haver*; *nubem>nuvem*) ainda que algumas, escritas com **-v-** no português arcaico tenham por regressão, evoluída para **-b-**: *bibĕre>bever* (arc.) *>beber*; *tabŭlam>távoa* (arc.) *>tábua*. Que a 1ª e a 2ª pessoas plurais do português e do espanhol se tornaram proparoxítonas por influência de todo o singular e da 3ª pessoa do plural, nas quais o acento incide na sílaba imediatamente seguinte ao radical verbal.

Outro também é o **imperfeito do subjuntivo**, que pode ser entendido no quadro abaixo:

1ª conjugação					
l. clássico	l. vulgar	português	espanhol	italiano	francês
cantarem	[*cantare]	cantasse	amase	amassi	aimasse
cantares	[cantares]	cantasses	amases	amassi	aimasses
cantaret	[cantare(t)]	cantasse	amase	amasse	aimât
cantaremus	[cantaremos]	cantássemos	amásemos	amássimo	aimassions
cantaretis	[*cantaretis]	cantásseis	amaseis	amaste	aimassiez
cantarent	[cantaren(t)]	cantassem	amasen	amassero	aimassent

Desse quadro podemos afirmar que a forma do latim clássico sobrevivente ainda no latim vulgar permaneceu somente no sardo: *kantare*, *kantares*, *kantaret*, *kantaremus*, *kantareðes*, *kantarent*. Que no português o imperfeito do subjuntivo proveio do mais-que-perfeito latino do mesmo modo, para o qual se costumavam usar as formas sincopadas: *amaui- sem>amassem>amasse*. Que o imperfeito do subjuntivo latino, em Ver-náculo, deu origem ao infinitivo flexionado.

Digno de menção ainda é o **futuro imperfeito**, o qual pode ser entendido nesse quadro:

I. clássico	I. vulgar	português	espanhol	italiano	francês
cantabo	cantarehabeo	cantarei	cantaré	canterò	chanterai
cantabis	cantarehabetis	cantarás	cantarás	canterai	chanteras
cantabit	cantarehabet(t)	cantará	cantará	canterà	chantera
cantabimus	cantarehabemus	cantaremos	cantaremos	canteremo	chanterons
cantabitis	cantarehabetis	cantareis	cantaréis	canterete	chanterez
cantabunt	cantarehabent(t)	cantarão	cantarán	canteranno	chanteront

Disso deduzimos que o futuro imperfeito latino desapareceu, devido à semelhança de algumas formas com outros tempos, semelhanças que induziam o povo a frequentes equívocos. Um deles era o futuro em **-bo**, da 1ª e 2ª conjugações, com algumas do perfeito do indicativo: *amabit-amauit; amabimus-amauimus*. Outro o futuro em **-am**, na 3ª e 4ª conjugações, com algumas formas do indicativo e do subjuntivo presente: *leges~legis, leget~legit, legam~legam*. Devido a isso, recorreu-se a uma perífrase constituída pelo infinitivo do verbo e o indicativo de *habere* (*amare habeo>amarai>amarai>amarei*), o que já se presenciava em alguns escritores cristãos: *qui nasci habent* (S. Jerônimo); *tollere habet* (S. Agostinho). O mesmo ocorreu com o condicional, não existente no latim clássico, e que no vulgarera constituído pelo infinitivo do verbo e o imperfeito de *habere* (*amare habebam>amaream>amarea>amaria*). Disso resultou, que as formas do presente do indicativo de *habere* contraíram-se através de várias alterações fonéticas: *habeo>ai>ai>ei*. Desta forma, em *amarei* a terminação *-ei* está por *hei*, de *haver*, e daí a mesóclise *amar-te-ei*. O mesmo ocorreu com o futuro do pretérito (que não havia em latim): as formas do imperfeito contraíram-se: *habebam>eam>ea>ia*. Assim, em *amaria* a terminação *-ia* está por *havia*, de *haver*, e daí *amar-te-ia*.

Por fim, esboçamos o quadro do **imperativo**:

1ª conjugação					
I. clássico	I. vulgar	português	espanhol	italiano	francês
canta	canta	canta	canta	canta	chante
cantate	cantate e cantates	cantai ¹⁸	cantad	cantate	chantez

Do qual se pode afirmar que o português e o espanhol mantiveram as formas latinas do plural; as demais línguas (com exceção do obváldico: *cante, cantei*) valeram-se do indicativo presente. Que o imperativo negativo se exprimia em latim clássico por meio do perfeito do subjuntivo mais **ne** (*ne cantaueris, ne cantaueritis*), o qual foi substituído no por-

¹⁸ Do arcaico *cantad*.

tuguês e espanhol, respectivamente, por *non cantes* e *non cantetis*. Que as formas do futuro do imperativo, de uso já muito restrito no latim, não sobreviveram.

4. *Tempos do perfectum*

Dos tempos do perfectum, destacamos inicialmente as transformações ocorridas no **perfeito do indicativo**:

1ª conjugação					
l. clássico	l. vulgar	português	espanhol	italiano	francês
cantavi	cantai	cantei	canté	cantai	chantai
cantavisti	cantasti	cantaste	cantaste	cantasti	chantas
cantavit	cantavt (<i>e</i> -at, -ait)	cantou	cantó	cantò	chanta
cantavimus	*cantam(m)os	cantamos	cantamos	cantammo	chantâmes
cantavistis	cantastes	cantastes	cantasteis	cantaste	chantâtes
cantaverunt	cantaron(t)	cantaram	cantaron	cantarono	chantèrent

Disso concluímos que a do português antigo *cantaron*, segundo Nascentes, passou a *cantaram* por analogia com *cantam* e *cantaram*. Já no latim vulgar presenciava-se uma tendência para queda do **-u-** intervocálico, até mesmo entre vogais diferentes, como atesta o *Appendix Probi*: *aus* por *auus*; *rius* por *riuus*; *paor* por *pauor*.

Outro quadro o qual devemos verificar é o do **perfeito do subjuntivo** e o **futuro perfeito**:

perf. do subj.	Futuro perfeito	fut. do subj.	fut. do subj.
latim clássico	Latim clássico	português	espanhol
canta(ve)rim	canta(ve)ro	cantar	cantar
canta(ve)ris	canta(ve)ris	cantares	cantares
canta(ve)rit	canta(ve)rit	cantar	cantar
canta(ve)rimus	canta(ve)rimus	cantarmos	cantaremos
canta(ve)ritis	canta(ve)ritis	cantardes	cantareis
canta(ve)rint	canta(ve)rint	cantarem	cantarem

Dado as identidades de forma, a confusão ocorrida no latim vulgarentre o futuro perfeito do indicativo e o perfeito do subjuntivo deu origem no espanhol, italiano e português ao futuro do subjuntivo. Segundo Maurer (1959) esses tempos, perderam-se tal como o futuro imperfeito do indicativo:

Perde-se tão radicalmente como o futuro do indicativo, embora, talvez, como acabamos de ver, a sua semelhança com o futuro perfeito tenha determinado a passagem frequente de *laudaro* a *laudaurim* ainda no período

arcaico.

É verdade que, às vezes, se tem derivado dele o *futuro do subjuntivo* português e espanhol, ou se tem admitido um cruzamento deste tempo com o futuro perfeito do indicativo. Neste caso teríamos aí um vestígio de sua sobrevivência. Formalmente os dois tempos – diferentes a princípio – se confundiram já na época plautina, de modo que na língua clássica são iguais em todas as pessoas, menos na primeira do singular. Essa confusão deu origem, provavelmente, a um popular *laudarim* por *laudaro*, como dissemos acima, consumando-se assim a confusão formal dos dois tempos. Entretanto, essa convergência de formas – que, aliás, não foi geral – não nos autoriza a ver no subjuntivo futuro uma sobrevivência do perfeito do subjuntivo latino. Sintaticamente ele não passa de um futuro perfeito do indicativo que continuou a empregar-se em certas orações subordinadas. (MAURER, 1959, §59)

Do **mais-que-perfeito do indicativo** podemos estabelecer o seguinte quadro:

latim clássico	latim vulgar	português
canta(ve)ram	[*cantara]	cantara
canta(ve)ras	[cantaras]	cantaras
canta(ve)rat	[cantara(t)]	cantara
canta(ve)ramus	[*cantaramos]	cantáramos
canta(ve)ratis	[*cantarates]	cantáreis
canta(ve)rant	[cantaran(t)]	cantaram

Lembramos que nas outras línguas neolatinas as formas são compostas: em francês: *j'avais chanté...*; em espanhol: *había cantado...*; em italiano: *avevo cantato...* Que as formas sincopadas do latim vulgar deram origem às formas luso-hispânicas. Que o recuo do acento (sístole) na 1ª e 2ª pessoas do plural se deve a uma analogia com as três pessoas do singular. Deslocamento que, segundo Bourciez, operou-se na Ibéria ainda no período do latim vulgar. Que em português, ainda que pouco usado, conservou forma e sentido do tempo latino. Que em espanhol conservou a forma, mas tem sentido de futuro do pretérito, valor mantido também no português literário: *Se mais mundo houvera lá chegara (Lusíadas)*.

Apresentamos ainda outro quadro, o do **mais-que-perfeito do subjuntivo**:

latim clássico	Latim vulgar	português
canta(vi)ssem	*cantasse	cantasse
canta(vi)sset	cantasses	cantasses
canta(vi)sset	cantasse(t)	cantasse
canta(vi)ssemus	*cantassemos	cantássemos
canta(vi)ssetis	*cantassetes	cantásseis
canta(vi)sset	cantassen(t)	cantassem

Vale ressaltar que nas outras línguas neolatinas as formassão compostas: emfrancês: *eusseparlé*....: emespanhol: *hubiera cantado*...; em italiano: *avessicantato*... Que este tempo se manteve através das formas sincopadas que já existiam no latimclássico. E que em todas as línguas neolatinas (comexceção do romeno) foi transformado emimperfeito do subjuntivo.

5. Formas nominais e a passiva sintética

Esboçamos de início o quadro do **infinitivo presente**:

1ª conjugação					
I. clássico	I. vulgar	português	espanhol	italano	francês
cantare	cantare	cantar	cantar	cantare	chanter

Destacamos que em latim o **infinitivo** ocupava as funções sintáticas de sujeito (*errare humanum est*) e do objeto (*uincere scis*), fato que se conservou em todas as línguas românicas. Que só se conservou na forma do presente: infinitivo impessoal em português. Que se apresenta como substituto do genitivo de gerúndio (*ars scribendi*), expresso nas línguas românicas pela associação “**de + infinitivo**”: fr. *l’art d’écrire*; it. *l’arte dello scrivere*.

Quanto aos **participios**, o latim nos apresentava três tipos: **participio presente** (*amans, amantis*, 1ª conj.), **participio futuro**, do qual havia o **ativo** (*amaturus, -a, -um*) e o **passivo** (*amandus, -a, -um*), e o **participio passado** (*amatus, -a, -um*).

Do **participio presente** latino tivemos em português as formas em **-ante** (*amante*) para a 1ª conjugação, em **-ente** (*temente*) para a 2ª conjugação e em **-inte** (*pedinte*) para a 3ª conjugação, as quais se reduziram no português a simples adjetivos (*voz suplicante, rapaz impertinente*) ou, se não, a substantivos (*os viajantes, os lentes, os ouvintes*). Ainda no português arcaico conservavam a força verbal do participio: *Per’las ricas e imitantes (que imitam) a cor da aurora* (Camões); *Mandou o recado a certos mouros estantes (que estavam) em Cananor* (João de Barros). Persiste, contudo, em algumas expressões petrificadas: *Aquele homem é temente a Deus*.

O **participio futuro ativo** se mantém fossilizado em português, usado hoje apenas como adjetivo: *vindouro<venturum (que há de vir)*; *morredouro<moriturum (que há de morrer)*.

O **particípio futuro passivo**, por sua vez, denominado em latim **gerundivo**, deixou em vernáculo resquícios que funcionam ora como adjetivos, ora como substantivos: *venerando mestre* (em latim possuía a ideia de obrigatoriedade perdida no português: *venerandus magister*, “professor que deve ser venerado”), *merenda*, *reverendo*, *doutorando*, *vienda*, *oferenda*.

O **particípio passado** latino, usado na conjugação passiva, possuía somente sentido passivo, concordando sempre com o sujeito ao qual se referia. Designado em português com o nome de particípio, é usado também na voz ativa (*tenho escrito*, *havia falado*). No português arcaico, contudo, flexionava-se concordando com a palavra a que se referia: *cartas que ele tinha escritas*; *mercês que este reino tem recebidas*.

Quanto ao **gerúndio**, apresentamos o seguinte quadro:

1ª conjugação				
Latim clássico	português	espanhol	italiano	francês
cantando	cantando	cantando	cantando	chantant

Em latim o gerúndio era uma forma supletiva do infinitivo. O infinitivo podia substituir a função de nominativo e de acusativo do objeto enquanto o gerúndio representava o genitivo (*ars discendi*), o ablativo modal-instrumental (*legendo discas*), o ablativo preposicional (*in legendo cautus esto*), assim como o acusativo preposicional (*ad legendum te hortor*).

Sobreviveu somente a forma do ablativo, assumindo o papel de particípio presente, que perde o valor de forma verbal. Temos assim em português: *amando*>*amando*; *debendo*>*devendo*; *vendendo*>*vendendo*; *punindo* (ou *puniendo*)>*punindo*.

Ao contrário da voz ativa que conservou, como vimos, a maior parte de suas formas, a **voz passiva**, que *no fu é nunca popular*¹⁹, desapareceu completamente. Em seu lugar – a exemplo do que já vinha sendo usado na língua clássica para o pretérito passivo e tempos dele derivados – surgiu uma perífrase formada pelo verbo **esse** e o particípio passado de outro verbo. Assim, ao invés de *littera scribitur* passou-se a dizer *littera scripta est*. Houve ainda entre esses dois usos um intermediário: *littera se scribit*, que explica nossa passiva com “se”. Desde o tempo de Plauto já se usava *amatus fuit* e *amatus fuerat*, como perfeito e mais-que-perfeito passivo do indicativo respectivamente. Daí então surgiram as formas pa-

¹⁹ GRANDGENT, 1952, p. 93.

ralelas para o presente e o imperfeito do indicativo passivo: *amatus est* e *amatus erat*.

Desaparecida a flexão passiva, os verbos depoentes, por sua vez, tomando a forma ativa, desapareceram. No próprio latim clássico, segundo Bourciez (1910), já se encontra esta oscilação:

Déjà chez Plaute *horto* pour *hortor*, *lucto*, *partio*, *sortio*, chez Caton *nasco*; plus tard *sequo* dans Aulu-Gelle, *mentio* dans la Vulgate. (BOURCIEZ, 1910, §81a)

6. Considerações finais

Percebe-se o quanto é indispensável o conhecimento do latim no entendimento das alterações lexicais das línguas novilatinas. É fato que o latim vulgar, acomodando-se à fonologia peculiar de cada povo, transformou-se em línguas diversas, que obedeceram a tendências fonológicas próprias. Esse processo de dialeção segue seu curso sem que nada o detenha, o que nos permite afirmar que cada língua românica é a continuação do latim falado num dado local. O português, desta forma, impõe-se como continuação do *sermo vulgaris* da Península Ibérica ocidental. Difícil seria, portanto, delimitar um momento de transição entre a língua do Lácio e qualquer outra língua neolatina.

Persuadidos estamos de que os estudos desses fenômenos históricos são imprescindíveis ao entendimento das línguas românicas. Somente a observação desses fatos diacrônicos podem dar respostas aos porquês da gramática expositiva. Faz-se mister assim, cremos, que o ensino de uma língua românica tenha por base uma relação filológica com a língua mãe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURCIEZ, Edouard. *Éléments de Linguistique Romane*. Paris: Klincksieck, 1910.

CARDOSO, Wilton; CUNHA, Celso. *Estilística e gramática histórica*: português através de textos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

GRANDGENT, C. H. *Introducción al latín vulgar*. 2. ed. em reproducción fotográfica. Traducción del inglés, adicionada por el autor, corregida y aumentada con notas, prólogo y una antología por Francisco de B. Moll. Madrid: Revista de Filología Española, 1952.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MAURER Jr., Theodoro Henrique. *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.